

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

CAROLINE MARTINS RAMOS DE MORAES

**(SOBRE)VIVÊNCIA DE TITUBA, BRUXA NEGRA DE SALEM: UMA ANÁLISE
SINCRÔNICA SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DE TITUBA ENQUANTO
MULHER NEGRA NO ROMANCE DE MARYSE CONDÉ**

CURITIBA

2022

CAROLINE MARTINS RAMOS DE MORAES

**(SOBRE)VIVÊNCIA DE TITUBA, BRUXA NEGRA DE SALEM: UMA ANÁLISE
SINCRÔNICA SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DE TITUBA ENQUANTO
MULHER NEGRA NO ROMANCE DE MARYSE CONDÉ**

Monografia de Especialização apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

(SOBRE)VIVÊNCIA DE TITUBA, BRUXA NEGRA DE SALEM: UMA ANÁLISE
SINCRÔNICA SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DE TITUBA ENQUANTO
MULHER NEGRA NO ROMANCE DE MARYSE CONDÉ

POR

CAROLINE MARTINS RAMOS DE MORAES

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 3 de março de 2022.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin
Membro titular

Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

Para todas aquelas que sentem na
pele o fardo do sexo feminino.

Que um dia possamos ser livres para ser
exatamente quem somos, sem o peso
da mãe do patriarcado e da misoginia.

“A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos”.

(Djamila ribeiro, 2017)

“O feminismo é a teoria e a prática que lutam para libertar todas as mulheres: racializadas, da classe trabalhadora, pobres, com deficiência, lésbicas, idosas — assim como mulheres brancas, com privilégios econômicos e heterossexuais. Qualquer coisa menos do que essa visão de liberdade total não é feminismo, mas apenas autoengrandecimento feminino”.

(Barbara Smith, 1982)

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”.

(Audre Lord, 2016)

RESUMO

MORAES, Caroline Martins Ramos de. **(Sobre)vivência de Tituba, bruxa negra de Salem**: uma análise sincrônica sobre a representatividade de Tituba enquanto mulher negra no romance de Maryse Condé. 29 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

A partir de uma abordagem descritiva, o presente trabalho realizará uma análise sincrônica do romance *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* (2020), de Maryse Condé, considerando as pautas e premissas do Feminismo Negro, que elucida a importância da interseccionalidade para um movimento mais igualitário e inclusivo para todas as mulheres. A obra de Condé reconta um episódio histórico bastante conhecido: a caça às bruxas em Salem, no qual Tituba foi julgada como bruxa e acusada de praticar feitiçaria. Diferente dos relatos históricos, Condé reconta a trajetória de Tituba Indian dando a ela o protagonismo que merece, apagado até então pela historiografia mundial. A partir disso, objetiva-se estudar a representatividade de Tituba enquanto mulher negra escravizada, permitindo, assim, realizar uma leitura do romance a partir de um novo ponto de vista com o intuito de promover novas perspectivas à narrativa de Condé e os relatos históricos acerca de Tituba Indian.

Palavras-chave: Literatura. Feminismo Negro. Representatividade. Interseccionalidade.

ABSTRACT

Based on a descriptive approach, this work will carry out a synchronic analysis of the novel *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem* (2020), by Maryse Condé, considering the demands and premises of Black Feminism, which highlight the importance of intersectionality for a more inclusive and even movement for all women. Condé's work retells a famous historical event: the witch hunt in Salem, in which Tituba was tried as a witch and accused of practicing witchcraft. Unlike historical accounts, Condé recounts the trajectory of Tituba Indian, giving her the prominence she deserves, which until then had been erased by world historiography. From this, the objective is to study the representation of Tituba as an enslaved black woman, thus allowing to conduct a reading of the novel from a new point of view in order to promote new perspective to Condé's narrative and the historical events about the Tituba Indian.

Keywords: Literature. Black Feminism. Representativeness. Intersectionality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	13
3 FEMINISMO NEGRO E A INTERSECÇÃO DE RAÇA E DE GÊNERO	15
4 SOBRE A AUTORA.....	20
5 ANÁLISE DA OBRA.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Por séculos, a historiografia foi contada por homens brancos. Desde os primeiros relatos históricos, é a figura masculina branca que se apresenta como narrador onipresente e onisciente diante dos fatos históricos ocorridos. Exemplo disso, destaca-se a escravidão de milhares de mulheres e homens negros, retirados de sua terra natal, obrigados à servidão e à renegação de suas crenças e origens. Mesmo que tenha sido a população negra escravizada, torturada e humilhada, por anos, eram os homens brancos que narravam tais episódios.

E, nesses relatos, além das questões raciais, se mostraram presentes perspectivas sexistas. Isso porque, em muitos deles os homens negros eram condicionados como as principais vítimas do processo escravista. Todavia, o que não se relatava eram as condições da mulher negra: “[...] a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a ela” (DAVIS, 2016, p. 19). Mesmo que tenha sido, por anos, a mulher negra escravizada, torturada, humilhada e abusada, “Herbert Aptheker continua sendo um dos poucos historiadores a tentar criar um alicerce mais realista para a compreensão da mulher escrava” (DAVIS, 2016, p. 15). Fora isso, a historiografia mundial apresenta apenas uma leva de relatos históricos englobando a população escrava como um todo, sem particularidades, mesmo que as atrocidades tenham sido mais cruéis para com as mulheres.

Na literatura, quando o assunto estupro é trazido à tona, nunca se tem relatos de uma violação para com o homem negro; é sempre a figura feminina negra vítima de tais abusos. Mesmo em condições escravistas, na maioria das vezes, a virilidade prevalece – os homens negros não precisavam temer abusos sexuais, perpetuando uma espécie de “acordo masculino”, tendo a figura masculina sempre no topo da cadeia social: “Branco ou negro, a vida é boa demais para os homens!” (CONDÉ, 2020, p. 161).

Em sua obra, *E eu não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo* (2020), Bell Hooks aborda sobre sexismo e a experiência da mulher negra escravizada. A autora relata sobre o sofrimento do povo africano e de todas as dificuldades passadas. Contudo, em um ato revolucionário, Hooks escreve abertamente sobre o sofrimento

da mulher negra que, além de escravizada pelos brancos, era subjugada pelos negros, homens de seu próprio povo.

Enquanto muitos historiadores transcreveram a escravidão como um sofrimento coletivo, em que negros e negras lutavam pela sobrevivência juntos, Hooks proporciona novos rumos a esses relatos, evidenciando a condição da mulher negra diante de tudo isso, perspectiva, até então, muito pouco explanada na literatura. Segundo a autora, é

óbvio que as duas forças, sexismo e racismo, intensificaram e aumentaram os sofrimentos das mulheres negras e a opressão contra elas. A área que com mais clareza revela a diferença entre o status do homem escravizado e o da mulher escravizada é o trabalho. O homem negro foi primordialmente explorado como trabalhador do campo; a mulher negra foi explorada como trabalhadora do campo, em atividades domésticas, como reprodutora e como objeto para o assédio sexual perpetrado pelo homem branco. (HOOKS, 2020, p. 47)

Os relatos de Hooks possibilitam refletir sobre quem contou a história da humanidade e como essa narrativa foi construída. Reféns do patriarcado, desde os primórdios das sociedades, as mulheres sempre foram apagadas da história, ou escondidas atrás de homens, independente da etnia. Obviamente que com o processo escravocrata não foi diferente:

Tradicionalmente, acadêmicos têm destacado o impacto da escravidão na consciência do homem negro, argumentando que homens negros, mais do que mulheres negras, eram as “verdadeiras” vítimas da escravidão. Historiadores e sociólogos sexistas deram ao público estadunidense a perspectiva de que o impacto mais cruel e mais desumano da escravidão na vida de pessoas negras foi terem arrancado dos homens negros a masculinidade, o que, segundo eles, resultava na dissolução e desmembramento geral de qualquer estrutura negra da família negra. (HOOKS, 2020, p. 47)

Os acadêmicos refletiam sobre a estrutura familiar, preocupavam-se com a figura masculina como progenitor da família, mas nada ponderavam sobre a dignidade e condições psíquicas daquelas que eram violadas, abusadas e obrigadas a maternarem crianças provenientes de um estupro. Diante de tais colocações, questiona-se: como seria para a figura masculina passar pela escravização no corpo de uma mulher negra sofrendo todas as brutalidades que a sociedade concluiu que elas mereciam apenas por nascerem mulheres e pretas?

Baseando-se no Feminismo Negro como ponto de partida, o objetivo deste trabalho é analisar a obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé (2020) e a representatividade da protagonista enquanto mulher negra. O romance foi publicado originalmente em 1986 e reconta a história de Tituba Indian, uma negra escravizada que foi julgada e condenada como bruxa em Salem – Massachusetts, Estados Unidos, no século XVII.

A obra de Condé não faz parte do cânone literário. Todavia, é de uma grande representatividade, trazendo a figura da mulher negra como protagonista, sinônimo de força, resiliência, coragem e astúcia, confrontando muitos relatos históricos já escritos. Uma análise sincrônica, levando em conta os desafios propostos pela teoria feminista negra nos dias de hoje, permite realizar uma leitura do romance a partir de um novo ponto de vista com o intuito de promover novos horizontes à narrativa de Condé.

Produções como *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* ajudam a reescrever os caminhos trilhados pelas mulheres negras, além de se apresentarem como um ato político e revolucionário:

[...] escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que foi nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. (KILOMBA, 2019, p. 28)

Os relatos sobre a vida de Tituba são turvos e seu fim é um mistério. Entretanto, astuta e muito corajosa, Tituba Indian fez história e Maryse Condé, por meio de sua obra, revive Tituba e sua trajetória de vida trilhada no século XVII, por volta dos anos 1600.

Por mais que tenham tentado apagar a jornada de Tituba, ou narrá-la a partir de uma perspectiva sexista e racista, Condé trouxe o protagonismo e representatividade à personagem. Isso porque

a reconstrução da história das mulheres, ou o olhar sobre a história por um ponto de vista feminino, implica uma redefinição fundamental das categorias históricas aceitas e uma visibilização das estruturas ocultas de dominação e exploração. (FEDERICI, 2017, p. 29)

Perante isso, surge a necessidade de autoras como Maryse Condé, que utilizam a literatura para escancarar o que por muitos anos foi relativizado e subjugado: a (sobre)vivência de mulheres negras.

2 METODOLOGIA

Este trabalho possui caráter qualitativo, descritivo e analítico.

A partir de uma análise sincrônica, o presente estudo traça uma leitura do romance *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem (2020)*, de Maryse Condé, a partir da premissa que sustenta o Feminismo Negro: a noção de interseccionalidade, utilizada como uma ferramenta teórica e metodológica, a partir de escritos de estudiosas feministas, em sua maioria, mulheres negras, para refletir acerca da indissociação estrutural entre racismo, sexismo e questões patriarcais, possibilitando, assim, novos caminhos à leitura da obra de Condé, exaltando a representatividade potente de Tituba em sua (sobre)vivência quanto mulher, escravizada e negra.

Para um melhor entendimento e olhar atento às vertentes do Feminismo Negro, escolheu-se os trabalhos da escritora estadunidense Bell Hooks, que dirige seus estudos à discussão sobre raça, gênero e classe às relações opressivas. Para a atual pesquisa, utilizou-se a obra *Olhares Negros: raça e representação (2019)* publicado originalmente em 1992 e a obra *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo (2020)*, com publicação original em 1981. Na primeira obra, Hooks aborda a importância de mudanças progressistas na representação racial, englobando o povo negro e afirmando que “sua imagem também é uma narrativa visual nos desafiando a ver mulheres negras como sujeitos, e não como objetos” (HOOKS, 2019, p. 29).

Já no segundo exemplar, a autora entrega um trabalho mais centrado na experiência e vivência das histórias das mulheres negras, mergulhando avidamente na desvalorização contínua da mulheridade negra, confrontando as ideologias de diferença entre raça, classe e gênero.

Ainda sobre os estudos acerca do Feminismo Negro, tem-se como material de pesquisa a obra *Mulheres, raça e classe (2016)*, de Angela Davis. Filósofa, professora e escritora estadunidense ícone da luta pelos direitos civis das mulheres negras, o trabalho de Davis é marcado por seu pensamento que visa romper com as assimetrias sociais. Nessa obra em especial, Davis escreve sobre as problemáticas que assolam a população negra tendo como base questões de gênero e de raça, denunciando as mazelas que assolam o povo negro desde os tempos da escravidão.

Somado aos trabalhos de Hooks, como bibliografia complementar, tem-se a obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano (2019)*, da teórica, psicóloga e escritora portuguesa Grada Kilomba, publicada originalmente em 1968. O

trabalho é fruto do doutoramento de Grada, que “examina a atemporalidade do racismo cotidiano [...] e o descreve não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada” (KILOMBA, 2019, p. 29). E o trabalho da pesquisadora Haline Leal (2020) no qual explana sobre o Feminismo Negro e sua importância enquanto movimento social.

3 FEMINISMO NEGRO E A INTERSECÇÃO DE RAÇA E DE GÊNERO

Desde o surgimento dos movimentos sufragistas, sentiu-se, por parte das mulheres negras, falta de pautas sociais que englobassem racismo e sexismo concomitante, pois

[...] os Movimentos Feministas expressaram, e alguns ainda expressam, um pensamento hegemônico reducionista, e, sobretudo, indiferente às situações de dominação e opressão sofridas pelas mulheres negras, revelando, em diferentes nuances, sua face racista. Os Movimentos Negros, por sua vez, ao banirem debates e análises de gênero, vêm demonstrando desinteresse em combater o sexismo. (LEAL, 2016, p. 16)

Embora o movimento feminista tenha surgido nos Estados Unidos com as sufragistas brancas, “Nenhum outro grupo nos Estados Unidos teve sua identidade socializada tão à parte da existência quanto o das mulheres negras” (HOOKS, 2019, p. 26). Quando se fala sobre pessoas negras, o sexismo milita; e quando se debate sobre o direito das mulheres, o racismo prevalece. Em sua condição, desfavorável a todos, raramente as mulheres negras são “reconhecidas como um grupo independente e distinto dos homens negros, ou como parte integrante do grupo maior das mulheres” (HOOKS, 2019, p. 27). Diante de tal realidade,

As feministas negras apontam para o fato de que os Movimentos Feministas e os Movimentos Negros falharam e ainda falham ao negligenciar as peculiaridades das necessidades das mulheres negras. O histórico dos Movimentos Feministas indica desinteresse no tratamento de questões de raça. (LEAL, 2016, p. 16)

Com base nisso, a premissa do Feminismo Negro é discutir a questão de gênero considerando perspectivas raciais. Baseando-se nos fatos históricos, sexismo e racismo não podem ser dissociados, pois eles nunca se apresentaram distantes, ou até mesmo dissolúveis. Ainda que os negros – homens e mulheres – tenham lutado lado a lado pela própria libertação durante o período escravocrata, houve líderes políticos negros que reafirmaram valores patriarcais, isso porque, “Enquanto os homens negros avançavam em todas as esferas da vida americana, eles incentivaram as mulheres negras a assumirem subserviente” (HOOKS, 2020, p. 22). Desse modo, a questão sexista, além de englobar o modo como a história foi contada, por uma perspectiva machista e patriarcal, enfatiza como, desde sempre, a mulher negra é apagada, não tendo relevância e muito menos lugar em regravações históricas:

Quando falam sobre pessoas negras, o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando falam sobre mulheres, o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses de mulheres negras. Quando falam de pessoas negras, o foco tende a ser homens negros; e quando falam sobre mulheres, o foco tende a ser mulheres brancas. (HOOKS, 2020, p. 26-27)

Estudar a narrativa de Condé e a realidade – mesmo que a partir de uma perspectiva ficcional – de Tituba, é o mesmo que analisar uma minoria dentro de outra minoria, visto que a personagem não sofreu apenas nas mãos dos homens brancos da sociedade da época, mas também nas mãos das mulheres brancas.

Ler sobre a jornada de Tituba é, também, compreendê-la como um ato de sobrevivência em uma sociedade regida pelo patriarcado, motivada pela misoginia, pelo machismo e, acima de tudo, pelo racismo. Nesse sentido, tornou-se inviável analisar os escritos de Condé e o protagonismo de Tituba Indian a partir do movimento feminista de forma generalizada; ao falar da mulher negra é preciso ir mais a fundo. É necessário mergulhar um pouco mais no movimento, considerando não só as questões de gênero, mas as de raça também, até mesmo em um movimento social voltado exclusivamente para mulheres, uma vez que, quando se fala em um público tão grande, obviamente haverá membros de diversas etnias. Dessa forma, se faz necessário uma discussão ampla e miscigenada. Até porque, infelizmente, até mesmo no feminismo há problemas raciais e de exclusões da mulher negra, pois, mais uma vez, o racismo predomina no meio social.

A maior problemática quando se fala em feminismo, segundo Bell Hooks, é que, desde sempre, as mulheres foram levadas a pensar no racismo apenas no contexto de ódio racial. Na obra *E eu não sou uma mulher?: mulheres e feminismo* (2020), Hooks tece o capítulo *Racismo e feminismo: a questão da responsabilidade* para uma explicação detalhada a partir de um apanhado histórico que elucida como o racismo esteve presente desde o surgimento das sufragistas feministas. Na época da criação do feminismo, o foco das mulheres líderes do movimento era atingir apenas as questões ligadas à diferença de gênero. Como aponta Angela Davis, em consonância com Bell Hooks: houve um grande descontentamento por parte das sufragistas feministas brancas quando, depois da Guerra Civil dos Estados Unidos, os homens negros conquistaram o direito ao voto e elas não, exprimindo, naquele momento, reivindicações e reclamações nitidamente racistas (DAVIS, 2016). Dessa forma, a

partir dos relatos de Hooks e Davis, percebe-se que as pautas relevantes para o feminismo branco não era apenas as questões igualitárias de gênero, o foco das sufragistas eram igualar-se aos homens *brancos*, uma vez que, socialmente, entendia-se que qualquer indivíduo branco estaria acima dos negros.

Com os homens negros conquistando direitos restritos as mulheres brancas, a indiferença do movimento feminista para com as mulheres negras só aumentou, mesmo quando não se apresentava de forma explícita, definindo, assim, só mais uma das formas de exclusão perante as mulheres negras, uma vez que, ao definirem as questões de gênero, “as feministas brancas universalizaram as suas experiências e reduziram estas experiências às necessidades de um grupo de mulheres: das mulheres brancas de classe média e alta” (LEAL, 2020, p. 16). Travou-se, dessa forma, muito mais uma luta racista – das sufragistas brancas para com os homens negros – exigindo diretos igualitários, sem, de fato, englobar as mulheres negras em suas reivindicações.

Desse modo, um movimento que era para ascender mulheres na sociedade estadunidense e reivindicar igualdade de gênero acabou por se tornar um movimento feminista majoritariamente branco, disseminando ideias racistas:

Ainda que tenham tentado levar o feminismo além da esfera da retórica radical para a esfera da vida nos Estados Unidos, elas revelaram não terem mudado, não terem desfeito a lavagem cerebral sexista racista que as ensinou a considerar mulheres diferentes delas como outras. [...] Em vez disso, o padrão hierárquico de raça e relacionamentos sexuais já estabelecido na sociedade estadunidense simplesmente assumiu um formato diferente com nome “feminismo”: o formato de mulheres sendo classificadas como grupo oprimido, em programas de ações afirmativas, disseminando ainda mais o mito de que o status social de todas as mulheres era o mesmo. (HOOKS, 2019, p. 196)

Sem considerar a realidade das mulheres negras, as mulheres brancas generalizaram as pautas feministas, como se a realidade de todas fosse a mesma – o que nunca aconteceu até mesmo nos dias atuais. Isso porque, “Nestes movimentos, as questões raciais estão historicamente ocupando um lugar hierárquico superior às questões de gênero” (LEAL, 2020, p. 17). Enquanto as mulheres brancas lutavam por direitos de igualdade de gênero perante os homens, as negras precisavam lutar contra as diferenças de gênero e de raça. É um caminho árduo e sofrido, no qual o racismo e o sexismo andam lado a lado, negligenciando, assim,

[...] o fato de que sobre as mulheres negras não recai somente a opressão racial. Por serem mulheres, recai também sobre elas a opressão de gênero e, de modos mais violentos do que sobre as mulheres brancas, já que as mulheres brancas não estão sujeitas ao racismo. (LEAL, 2020, p. 18)

É válido lembrar que “Apesar da predominância da regra patriarcal na sociedade estadunidense, os Estados Unidos foram colonizados por um fundamento imperialista racista e não por fundamento imperialista sexista” (HOOKS, 2019, p. 197). Tal aspecto é notado na trajetória de Tituba: o mal da protagonista não era ser mulher, era ser um ser humano negro. Seu infortúnio era muito mais sobre a tonalidade de sua melanina do que o gênero de seu sexo.

Diante de tais relatos, entende-se, portanto, a necessidade de um movimento que englobasse a realidade das mulheres negras, o qual objetivasse não só combater as questões de desigualdade de gênero, mas também as problemáticas de raça, no qual ambos andassem lado a lado. Surge, então, a necessidade de interseccionalidade dentro do movimento feminista, surgindo, assim, o Feminismo Negro. Isso porque, as opressões vivenciadas pelas mulheres negras são resultado da intersecção de opressões de raça e de gênero, inviabilizando seu lugar social como indivíduo, deixando-as à margem da sociedade, sem poder de fala e reivindicações em relação ao respeito e à representação enquanto cidadãs. Dessa forma, entende-se a interseccionalidade como um instrumento teórico e metodológico utilizado “pelas feministas negras para refletir acerca da inseparabilidade estrutural entre patriarcado, sexismo, e racismo em suas articulações, que implicam em múltiplas situações de opressão sofridas pelas mulheres negras” (LEAL, 2020, p. 18).

Dessa maneira, entende-se o Feminismo Negro como o termo utilizado para qualificar o movimento político, teórico, social e prático desenvolvido e protagonizado por mulheres negras que buscam representar sua mulheridade dando visibilidade às pautas desse grupo. Esse mesmo feminismo se impõe como pertinente e necessário, uma vez que privilegia as experiências das mulheres negras na diáspora africana, “experiências estas que variam, mas que mantêm um eixo comum que se traduz em ações e reações às condições de vulnerabilidade de grande parte destas mulheres” (LEAL, 2019, p. 16), além de reivindicarem lugares de fala e espaço de escuta para todas as mulheres negras.

Em vista disso, basear a análise da obra de Maryse Condé a partir da ótica do Feminismo Negro não é, portanto, reduzir Tituba a uma mulher negra vítima de uma

sociedade excludente. Muito pelo contrário, é reconhecer Tituba em sua grandeza e evidenciar sua força e resiliência em um meio social sexista e racista, revivendo sua história que, por anos, fora apagada dos registros históricos, eternizando, assim, seu nome como um grande ícone de representatividade enquanto mulher negra.

4 SOBRE A AUTORA

Maryse condé – a porta-voz feminina de uma história memorável.

Propositamente, as referências bibliográficas escolhidas para a construção do presente artigo foram obras escritas por mulheres negras que dialogam com o trabalho de Maryse Condé, pois, acredita-se que ninguém melhor que elas para discorrerem sobre as peripécias que mulheres negras escravizadas passaram e como se sentiram.

Maryse Condé é uma escritora negra guadalupense, nascida em uma república francesa no Caribe em 1937. Feminista e ativista, a autora é conhecida por seus trabalhos difusores da história e da cultura africana. Brilhante, Condé destaca-se pela sua rica produtividade e versatilidade como escritora, consagrando autoria de mais de vinte livros, entre contos, romances, ensaios, poemas, dentre outros gêneros. Doutora em Literatura Comparada pela Sorbonne em Paris, além de seus livros, Condé teve uma distinta carreira acadêmica e profissional. Em 1985, a autora guadalupense ganhou uma bolsa *Fullbright* para lecionar nos Estados Unidos, como professora na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Encerrou suas atividades na instituição em 2004 como professora emérita de francês. Resultado de seus trabalhos, em 2018, Condé recebeu o prêmio *The New Academy Prize in Literature*, premiação criada como forma alternativa ao Prêmio Nobel.

Com um currículo exemplar e digna de todo o reconhecimento, as obras de Condé exploram temáticas raciais, de gênero e de fatores culturais. Seus trabalhos são centralizados na diáspora dos povos africanos, em especial no Caribe. Diferente de muitos historiadores, Condé se posiciona de maneira distinta em seus trabalhos – relata a história, mesmo que por meio da ficção, a partir da militância, com forte olhar feminista, além de defender a negritude, escancarando um novo viés para as histórias já contadas anteriormente sob o olhar eurocentrista.

Exemplo da importância de sua jornada e seus trabalhos, destaca-se, para a presente pesquisa, o romance *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, no qual Condé trabalha com um conjunto de elementos — a escravidão, o racismo, a misoginia, a intolerância e a repressão religiosa, além da anulação da identidade e aspectos culturais afrodescendentes — possibilitando um novo olhar para a história de Tituba, até então, esquecida, ou melhor, apagada dos registros históricos.

5 ANÁLISE DA OBRA

Tituba Indien – a perspicácia de uma mulher negra que fez história. Filha de uma negra africana escravizada, nascida a partir de um estupro, desde o seu nascimento, Tituba teve sua vida fadada ao sofrimento por conta da diáspora africana. Órfã pelas peripécias da escravidão, desde pequena Tituba teve de sobreviver sozinha, guiada apenas pelos espectros de sua ancestralidade.

No intuito de somar ao trabalho excepcional do romance *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, escrito por Maryse Condé, optou-se por referências bibliográficas que apresentassem a mesma perspectiva da autora guadalupense. Dessa forma, as obras de cunho teórico, além de estarem alinhadas com os escritos de Condé, elas conversam entre si; cada qual com sua linha de raciocínio, essas obras discorrem sobre as brutalidades enfrentadas pelas mulheres negras escravizadas, além de reafirmarem a necessidade de que essas barbáries sejam escancaradas e reconhecidas como registros históricos de misoginia e de racismo, para que as futuras gerações de mulheres negras possam assumir o controle de suas vidas como mulheres sujeitos de suas histórias, e não mais apenas como reflexos de um passado marcado pela escravização.

É a partir dessa crença que as autoras escolhidas para essa pesquisa defendem a ideia da necessidade de enaltecer mulheres negras que escrevem, uma vez que, a partir da escrita, elas assumem papel de sujeito de suas histórias e não mais vítimas de uma linhagem de mulheres escravizadas.

Na introdução de *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba escolheu uma epígrafe que representa muito bem essa ideia de sujeito, não à toa que o capítulo foi intitulado *Tornando-se sujeito*:

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,
em todos seus dialetos,
tem sido calada por muito tempo
Jacob Sam-La Rose
(KILOMBA, 2019, p. 27)

Assim como Kilomba, Bell Hooks defende a ideia de contar uma nova história pelo olhar dos que sofreram, não mais pelo viés do dominador, aquele que por séculos

deteve o poder e a liberdade das mulheres negras: “A ideia de que se tem de escrever, quase como uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística literária” (HOOKS, 1990, p. 152).

A partir da ideia de que “Escrever, portanto, emerge como um ato político”, Kilomba afirma que “enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta que o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, 2019, p. 28). A partir dessa afirmação, entende-se que não é à toa que o romance de Condé seja escrito em 1.^a pessoa. Como já dizia Angela Davis, em um comentário tecido ao trabalho da autora: “Quando Tituba reclama seu lugar na história dos julgamentos das bruxas de Salem, o registro histórico daquela época — e também toda a história do processo colonizatório — é revelado para ser seriamente interrompido.” Nesse sentido, intencionalmente, a obra foi intitulada como *EU, TITUBA: bruxa negra de Salem* com o objetivo de contar a história de Tituba a partir de suas percepções, colocando-a no papel de protagonista, sujeito de sua própria história.

Entende-se, portanto, a figura de Tituba como um ato político, uma forma escancarada de ressurgir-la das cinzas do esquecimento como uma bruxa negra escravizada, quase como uma fênix da esperança para todas àquelas que vivem, diariamente, a discriminação por serem mulheres negras.

O romance reconta um dos episódios bastante presente no imaginário popular: o julgamento das bruxas de Salem. A genialidade do enredo, no entanto, está no foco narrativo: perspectiva de uma das mulheres condenadas na época – a negra escravizada Tituba. Se analisado sob a totalidade do romance, o episódio do julgamento não ganha muito espaço na narrativa, pois Condé prioriza a jornada de Tituba antes do julgamento e seu destino pós-sentença.

De fato, Tituba detinha de conhecimentos incomuns, que despertavam a curiosidade do meio social da época. Ela praticava algo que pode ser entendido como uma medicina rudimentar e natural. Todavia o que eles viam como feitiçaria e bruxaria hoje entende-se como uma forma de medicina alternativa. O problema, no entanto, não estava no repertório de Tituba, até porque, mesmo na condição de escravizada, ela ajudou muitos brancos. O infortúnio dela sucedeu-se a partir de testemunhos falsos das filhas do reverendo Samuel Parris, nos quais as garotas fingiam sofrer

possessões demoníacas por causa de Tituba. No período, Tituba havia sido vendida e era escrava na residência da família, o que conciliou com os relatos inverídicos das meninas, uma vez que Tituba vivia em contato com elas e era negra – o que a tornava um alvo fácil.

Até os dias atuais, não se sabe ao certo o que levou as meninas a mentirem e encenarem possessões demoníacas perto de Tituba. Tudo aponta para questões raciais, já que a sociedade da época, além de racista, era regida por um puritanismo incessável, cuja moral, implacavelmente conservadora, pregava a ideia de que os negros eram seres inferiores, imundo e pecadores, fadados ao inferno.

No que diz respeito ao julgamento das Bruxas de Salem, Condé reservou uma nota historiográfica na qual explica que o episódio foi um movimento conservador e misógino que começou em março de 1692 com a prisão das mulheres Sarah Good, Sarah Osborne e Tituba que confessou ‘seu crime’ (CONDÉ, 2020). O que Condé define como “confessar”, foi, na verdade, uma artimanha astuta de Tituba para fugir da morte. Sem saída, ela confessou estar sendo importunada por uma figura maligna que a obrigara a fazer bruxaria com a sociedade da época. Fingindo arrependimento, Tituba enganara a todos e conquistara o perdão do clero de Salem, ganhando redenção e não sendo condenada à forca.

Quanto ao paradeiro de Tituba: a única certeza é de que ele é incerto e apagado dos registros históricos:

Por volta de 1693, Tituba, nossa heroína, foi vendida, na prisão, pelo preço de “sua pensão”, suas correntes e seus ferros. A quem? O racismo, consciente ou inconsciente, dos historiadores foi tamanho que ninguém se importou. Uma vaga tradição afirma que ela foi vendida a um comerciante de escravizados que a levou de volta a Barbados. Quanto a mim, eu ofereci a ela um final de minha escolha. (CONDÉ, 2020, p. 250)

Até a publicação da obra, a história de Tituba só havia sido relatada pelo olhar de um homem branco, Arthur Miller que, em 1950, escreveu uma peça teatral chamada *As bruxas negras de Salem*, na qual, segundo a pesquisadora de literatura Ana Maria Roeber, o texto pretendia consagrar John Proctor, um dos condenados, como o herói da história. “Nesse sentido, a obra do teatrólogo americano segue uma tradição consagrada pela literatura e pelo teatro, a de alçar sempre a figura masculina à condição de herói-protagonista (prefácio escrito por Evaristo Conceição, CONDÉ, 2020, p. 8). Na contramão de todos os relatos históricos machistas, Maryse Condé

cria um campo diferenciado de tradição, ou melhor cunha o seu texto no lugar de uma não tradição. A sua narrativa traz como protagonista uma mulher. E é nela que a escritora concentra o seu foco, desejando lhe conferir uma heroicidade.

Condé coloca no centro de sua narrativa uma mulher negra escravizada, individualizando ainda mais o seu escrito em relação ao teatrólogo estadunidense. [...] Não há como ler *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem* e não relembrar a história do tráfico negreiro, da escravização dos povos africanos e de seus descendentes nas Américas. (prefácio escrito por Evaristo Conceição, CONDÉ, 2020, p. 8)

Em *Olhares Negros: raça e representação*, Hooks enfatiza que

Abrir espaço para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver. (HOOKS, 2019, p. 37)

Condé fez exatamente isso em sua obra, quebrando paradigmas, a autora deixou Tituba ser a protagonista de sua história, coisa que a historiografia não permitiu, transformando, assim, a história de Tituba e tornando-a presente nos dias atuais.

Acostumados a ler a historicidade a partir dos olhos do homem branco, as sociedades atuais apresentam um preconceito racial enraizado, o que chamamos de racismo estrutural, isso porque, “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um indivíduo” (RIBEIRO, 2019, p. 7). Nesse sentido, pode-se entender o racismo como uma parte da estrutura e viés social. Por muito tempo, foi ensinado que “a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força” (RIBEIRO, 2019, p. 8). Embora pareça absurdo, essa é a realidade histórica. Pouco se questionava de onde os escravizados vinham, como eram suas vidas e sua realidade. O mesmo ocorreu com Tituba. Ninguém queria saber de suas origens, apenas o fato de ser negra já bastava para ser escravizada, humilhada e tratada como se fosse um nada. Já para quem lê a obra de Condé e fica a par de todos os relatos, enxerga em Tituba uma espiritualidade e conhecimentos capazes de curarem feridas, sararem doentes e acalmarem aqueles que sofrem da dor do luto.

A verdade é que Tituba era muito maior e potente do que a sociedade em que vivera pôde conhecer. Ela era imensa e digna de reconhecimento. Sua história foi dolorosa e injusta, mas muito importante como figura representativa para todas as mulheres negras que são subjugadas e questionadas, apenas pelo tom de sua melanina. A obra de Condé é mais que um romance moderno, é um trabalho brilhante e necessário para escancarar o que, por muitos séculos, mulheres negras foram submetidas.

Hooks defende a ideia de que "amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser, e, portanto, cria condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras" (HOOKS, 2019, p. 63). Tituba é digna de seu protagonismo porque, diferente dos demais, ela amou sua negritude e ancestralidade. Não aceitava e entendia o porquê deveria abaixar a cabeça e se submeter a humilhações diárias. Usou de sua força de mulher negra e bruxa para lutar contra seus opressores. Mesmo sem saber, Tituba fez história.

É satisfatório perceber a construção da personagem pelo olhar de Condé. Nas primeiras páginas do romance, Tituba é apresentada como fruto de um estupro, idealizando, assim, a menina como mais uma vítima do colonialismo violento que proporcionou a diáspora africana. Tal episódio não marcou apenas a vida de Abena, mãe de Tituba, marcou também a vida da garota que, aos poucos foi percebendo que, diante de tanto sofrimento, sua mãe não a amava como ela gostaria:

Quando foi que descobri que minha mãe não me amava mais? Acho que quando eu cheguei aos cinco ou seis anos de idade. Embora tivesse me saído bem em crescer mal, isto é, ter a tez meio avermelhada e os cabelos completamente crespos, eu não cessava de lembrá-la do branco que tinha possuído no convés do *Christ the King*, no meio de um círculo de marinheiros, observadores obscuros. (CONDÉ, 2020, p. 29)

Assim como Tituba, Abena era só mais uma vítima da diáspora africana. Na realidade, Abena não culpava a filha pela violação sexual, mesmo que a menina a fizesse lembrar do episódio, a mulher temia pelo destino de Tituba, algumas passagens da obra evidenciam a angústia de Abena ao gerar mais uma vítima para a escravidão do povo negro e para as barbáries da misógina: "Minha mãe chorava, porque eu não era um menino. Parecia que o destino das mulheres era ainda mais doloroso que o dos homens" (CONDÉ, 2020, p. 28).

Órfã aos sete anos e expulsa da plantação onde sua família morava, Tituba desde muito nova precisou se virar como pôde:

Construí sozinha, com a força dos meus punhos, uma cabana que consegui empoleirar sobre estacas. Pacientemente, cerquei um pedaço de terra e delimito um jardim onde logo cresceriam toda sorte de plantas que eu pudesse enfiar na terra para meus rituais, respeitando a vontade do sol e do ar. (CONDÉ, 2020, p. 34)

Resiliente, desde muito nova, Tituba já mostrava traços de sua astúcia. Todavia, o que ela não imaginava era que, a partir do momento que decidisse sair de seu casulo, ela descobriria o mundo para nunca mais voltar ao posto de menina indefesa. Obviamente, passaria por muitos infortúnios, mas deixaria seu lar para marcar seu nome na historiografia universal. A jovem negra vivenciou de perto a faceta do racismo e o desdém do machismo até mesmo por parte dos homens negros. Isso porque, mesmo quando decidiu lutar contra os colonos brancos, suas forças foram subjugadas pelos homens negros de seu próprio povo: “— Lutar? Como? O dever das mulheres, Tituba, não é lutar, fazer guerra, mas, sim, fazer amor!” (CONDÉ, 2020, p. 217).

Mesmo diante de tantos obstáculos, o que começou em uma narrativa protagonizada por uma menina solitária, resultou em uma mulher reconhecida e aclamada por seu povo. Embora os brancos reconhecessem Tituba como uma bruxa diabólica e temessem seus poderes, os negros que compartilhavam do sentimento oriundo da diáspora africana, reconheciam em Tituba sinônimo de força e poder, não à toa, alguns a chamavam de Mãe Tituba: “— Nos dê a honra, mãe, de sua presença” (CONDÉ, 2020, p. 205). Outros enxergavam nela poderes capazes da cura ou até mesmo da invencibilidade: “Tituba, eu quero que me faça invencível” (CONDÉ, 2020, p. 209). Parece cômico, mas a fama de Tituba a precedia, mesmo que de uma forma que destoasse da realidade. Embora muitos reconhecessem a injustiça que Tituba sofrera no julgamento em Salem, ainda havia a desconfiança de seus poderes enquanto bruxa. A questão, no entanto, é que, independente do achismo popular, no romance, Condé evidencia a representatividade de Tituba e sua importância como uma mulher negra que marcou seu nome na história. Justamente por isso, aclamações do tipo “Ela voltou. Ela está aqui, a filha de Abena, a filha de Man Yaya. Ela não vai mais nos deixar” (CONDÉ, 2020, p. 211) tornaram-se possíveis nos

escritos de Condé, aclamando Tituba e toda sua ancestralidade, reconhecendo-a como sinônimo de força e não mais apenas como Tituba, a órfã escravizada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de um plano de reconhecimento e engrandecimento, Condé deu à Tituba o protagonismo e reconhecimento que ela merecia, além do poder de reflexão sobre a própria existência:

‘Tituba, uma escrava de Barbados que provavelmente praticava hoodoo’. Algumas linhas em longos tratados dedicados aos eventos de Massachusetts. Por que eu deveria ser ignorada? É porque ninguém se preocupa com uma negra, com seus sofrimentos e suas tribulações? Eu procuro minha história junto às histórias das Bruxas negras de Salem e não a encontro. (CONDÉ, 2020, p. 215)

Podem até terem tentando apagar os registros de Tituba, mas Condé a reviveu eternizando-a como “uma lenda entre os escravizados” (CONDÉ, 2020, p. 228), finalizando seu romance com o desfecho que Tituba Indian merecia, marcada pela infinidade de sua existência: “Essa é a história da minha vida. Amarga. Tão amarga. Minha história verdadeira começa onde ela termina e não terá fim” (CONDÉ, 2020, p. 243).

Por fim, espera-se que Tituba seja reconhecida como símbolo de representatividade, como a negra que enganou toda a uma sociedade racista, misógina e cruel. Em suas palavras, ou melhor, pelo olhar fascinante de Maryse Condé, Tituba afirma: “Não pertenço à civilização do Livro do Ódio. É dentro do coração que os meus guardarão minha memória, sem necessidade de grafia alguma. É dentro da cabeça. Em seu coração e em sua cabeça” (CONDÉ, 2020, p. 244).

Se fosse para resumir em poucas palavras o trabalho de Condé, seria: Tituba, presente!

REFERÊNCIAS

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: bruxa negra de Salém**. Tradução Natalia Borges Polessó. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

DAVIS, Angela, 1944. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo : Elefante, 2017.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada, 1968. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Halina. **Feminismo Negro**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 6 N. 3, 2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-negro/>>. Acesso em 04 out. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Mulheres, raça e classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Pequeno manual antirracista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.